

# A Economia Brasileira

## Nível de atividade

A atividade econômica registrou desempenho abaixo do potencial em 2014. Essa trajetória repercutiu, em grande parte, o impacto exercido pela retomada modesta da atividade global e pela desaceleração da atividade interna sobre os indicadores de confiança de empresários e consumidores.

Nesse ambiente, o exame dos condicionantes da oferta interna mostra que os resultados relativamente favoráveis observados no setor agropecuário, impulsionado pela safra recorde de grãos e pela expansão dos abates de aves e suínos, e no setor de serviços, foram, em grande parte, neutralizados pela retração na atividade industrial. Vale ressaltar que o recuo anual de 3,1% na produção física da indústria em 2014, repercutiu, em especial, a retração de 4,2% na indústria de transformação.

No âmbito dos componentes da demanda, a desaceleração do consumo das famílias foi compatível com a perda de dinamismo do mercado de trabalho, enquanto o recuo da FBCF evidenciou a postura de empresários do setor industrial no cenário de menor demanda por bens de capital e por insumos de construção civil.

Nesse cenário, a aceleração registrada pelos índices de preços ao consumidor no decorrer de 2014 evidenciou, essencialmente, o realinhamento dos preços monitorados e o aumento da inflação de serviços. As variações nos índices de preços ao produtor, mesmo em cenário de depreciação cambial, recuaram no período, repercutindo, sobretudo, reduções nos preços internacionais de *commodities* agrícolas e industriais.

## Produto Interno Bruto

O PIB cresceu 0,1% em 2014, segundo estatísticas das Contas Nacionais Trimestrais (CNT) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em valores correntes o PIB a preços de mercados atingiu R\$5,687 trilhões.

O exame dos condicionantes da demanda mostra que o componente doméstico contribuiu com 0,1 p.p. para a evolução anual do PIB, enquanto o setor externo exerceu impacto nulo. No âmbito da demanda interna, ressaltou-se o recuo de 4,5% na FBCF, que após registrar desempenho robusto em 2013, repercutiu o impacto da desaceleração da atividade interna e da recuperação modesta da atividade global sobre as expectativas dos empresários. O consumo das famílias e o consumo do governo aumentaram 1,3% e 1,2%, respectivamente. A contribuição nula do setor externo refletiu recuos de 1,1% nas exportações e de 1,0% nas importações.

#### Quadro 1.1 – PIB a preços de mercado

Ano	A preços de 2014 (R\$ milhões)	Variação real (%)	Deflator implícito (%)	A preços correntes <sup>1/</sup> (US\$ milhões)	População (milhões)	PIB per capita		
						A preços de 2014 (R\$)	Variação real (%)	A preços correntes <sup>1/</sup> (US\$)
2000	3 627 775	4,4	5,6	655 707	173,4	20 916	---	3 780
2001	3 678 198	1,4	8,2	559 563	175,9	20 912	0,0	3 181
2002	3 790 510	3,1	9,8	508 101	178,3	21 262	1,7	2 850
2003	3 833 753	1,1	14,1	559 465	180,6	21 226	-0,2	3 097
2004	4 054 576	5,8	7,8	669 340	182,9	22 167	4,4	3 659
2005	4 184 409	3,2	7,4	892 033	185,2	22 600	2,0	4 818
2006	4 350 195	4,0	6,8	1 107 131	187,3	23 221	2,7	5 910
2007	4 614 246	6,1	6,4	1 396 797	189,5	24 354	4,9	7 372
2008	4 849 305	5,1	8,8	1 693 147	191,5	25 318	4,0	8 840
2009	4 843 204	-0,1	7,3	1 672 625	193,5	25 024	-1,2	8 642
2010	5 207 811	7,5	8,4	2 209 751	195,5	26 639	6,5	11 303
2011	5 411 396	3,9	8,3	2 612 855	197,4	27 414	2,9	13 237
2012	5 515 185	1,9	7,8	2 459 022	199,2	27 681	1,0	12 342
2013	5 681 391	3,0	7,4	2 461 436	201,0	28 261	2,1	12 244
2014	5 687 309	0,1	6,9	2 415 916	202,8	28 048	-0,8	11 915

Fonte: IBGE

<sup>1/</sup> Estimativa do Banco Central do Brasil, obtida pela divisão do PIB a preços correntes pela taxa média anual de câmbio de compra.

A análise dos determinantes da oferta mostra que o setor de serviços registrou crescimento anual de 0,4%, impulsionado pelas atividades serviços de informação (4,7%) e serviços de transporte, armazenagem e correio (2,1%). A produção agropecuária cresceu 2,1% no ano, desempenho modesto em relação ao observado em 2013. Destacaram-se os resultados das lavouras de soja, feijão, arroz, trigo e algodão, e a expansão nos abates de aves e suínos. A produção do setor industrial recuou 0,9% no ano, evolução decorrente do impacto de reduções na indústria de transformação (3,9%), na produção e distribuição de eletricidade, gás e água (2,6%) e na construção civil (0,9%), mitigado parcialmente pelo aumento de 8,6% na produção da indústria extrativa mineral.

**Quadro 1.2 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica do produto**

Percentual			
Discriminação	2012	2013	2014
PIB	1,9	3,0	0,1
Setor agropecuário	-3,1	8,4	2,1
Setor industrial	-0,7	2,2	-0,9
Extrativa mineral	-2,1	-3,0	8,6
Transformação	-2,4	3,0	-3,9
Construção	3,2	4,5	-0,9
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	0,7	1,6	-2,6
Setor serviços	2,9	2,8	0,4
Comércio	2,4	3,4	-1,2
Transporte, armazenagem e correio	2,0	2,6	2,1
Serviços de informação	7,0	4,0	4,7
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos	1,4	2,2	0,4
Outros serviços	3,6	1,6	0,4
Atividades imobiliárias e aluguel	5,2	4,8	0,9
Administração, saúde e educação públicas	1,3	2,2	-0,1

Fonte: IBGE

Considerados dados dessazonalizados do IBGE, o PIB cresceu, na margem, 0,1% no quarto trimestre do ano, após recuo de 0,1% no terceiro trimestre e variações respectivas de 0,6% e -1,3% no primeiro e segundo trimestres.

O crescimento do PIB no primeiro trimestre de 2014, em relação ao último trimestre de 2013, repercutiu, sob a ótica da oferta, expansões na agropecuária (1,9%), indústria (1,5%) e no setor de serviços (0,1%). O desempenho do setor agropecuário, após retração de 0,2% no quarto trimestre de 2013, foi impulsionado pelo dinamismo das lavouras de soja, feijão e arroz.

Sob a ótica da demanda, ocorreram aumento de 1,1% no consumo das famílias e recuos de 0,8% no consumo do governo e de 0,4% na FBCF. Em relação ao setor externo, as exportações diminuíram 0,8% e as importações cresceram 0,9%.

**Quadro 1.3 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica da despesa**

Percentual			
Discriminação	2012	2013	2014
PIB	1,9	3,0	0,1
Consumo das famílias	3,5	3,5	1,3
Consumo do governo	2,3	1,5	1,2
Formação Bruta de Capital Fixo	0,8	5,8	-4,5
Exportações	0,3	2,4	-1,1
Importações	0,7	7,2	-1,0

Fonte: IBGE

O PIB recuou 1,3% no segundo trimestre do ano, em relação ao trimestre anterior, maior contração nessa base de comparação desde o primeiro trimestre de 2009. Houve variações negativas na indústria (2,9%), refletindo retrações expressivas na indústria de transformação (3,9%), na construção civil (4,4%) e na produção, distribuição de eletricidade, gás e água (6,1%); na agricultura (1,5%) e no setor de serviços (0,7%).

Sob a ótica da demanda, ocorreram recuos na FBCF (3,2%) e no consumo das famílias (0,9%) e aumento de 0,6% no consumo do governo. O setor externo, evidenciando recuos de 0,6% nas exportações e de 2,0% nas importações, contribuiu de forma positiva para a evolução do PIB no trimestre.

O recuo do PIB no terceiro trimestre refletiu, sob a ótica da produção, variações trimestrais de 1,1% na agricultura, -0,2% na indústria e 0,2% no setor de serviços.

Em relação ao componente doméstico da demanda, ocorreram estabilidade no consumo das famílias e variações respectivas de 0,5% e -2,2% no consumo do governo e na FBCF. No âmbito do setor externo as exportações e importações aumentaram 3,9% e 3,5%, respectivamente.

O PIB cresceu 0,1% no quarto trimestre do ano, em relação ao terceiro trimestre. O resultado repercutiu, sob a ótica da produção, crescimento de 1,3% na agricultura, estabilidade no setor de serviços e recuo de 0,4% na produção da indústria.

No componente interno da demanda, houve elevação no consumo das famílias (1,4%) e recuos na FBCF (1,5%) e no consumo do governo (0,8%), e no externo, retrações de 13,8% nas exportações e de 6,3% nas importações.

**Quadro 1.4 – PIB – Variação trimestre/trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal**

Percentual Discriminação	2014			
	I	II	III	IV
PIB a preço de mercado	0,6	-1,3	-0,1	0,1
Ótica do produto				
Agropecuária	1,9	-1,5	1,1	1,3
Indústria	1,5	-2,9	-0,2	-0,4
Serviços	0,1	-0,7	0,2	0,0
Ótica da despesa				
Consumo das famílias	1,1	-0,9	0,0	1,4
Consumo do governo	-0,8	0,6	0,5	-0,8
Formação Bruta de Capital Fixo	-0,4	-3,2	-2,2	-1,5
Exportações	-0,8	-0,6	3,9	-13,8
Importações	0,9	-2,0	3,5	-6,3

Fonte: IBGE

### Quadro 1.5 – PIB – Valor corrente, por componente

Em R\$ milhões

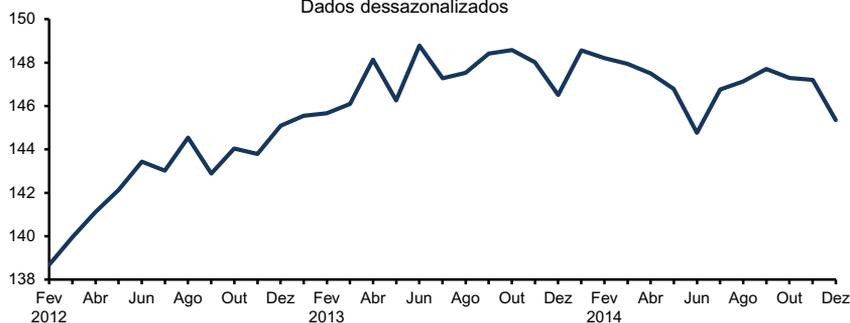
Discriminação	2011	2012	2013	2014
Produto Interno Bruto a preços de mercado	4 373 658	4 805 913	5 316 455	5 687 309
Ótica do produto				
Setor agropecuário	190 024	200 695	240 290	254 759
Setor industrial	1 010 892	1 064 812	1 131 810	1 169 169
Setor serviços	2 516 821	2 819 905	3 166 496	3 454 007
Ótica da despesa				
Consumo final	3 453 270	3 842 293	4 283 830	4 656 157
Consumo das famílias	2 635 902	2 949 664	3 276 050	3 547 428
Consumo da administração pública	817 368	892 629	1 007 780	1 108 729
Formação Bruta de Capital	954 059	1 029 062	1 155 332	1 186 631
Formação Bruta de Capital Fixo	900 785	995 644	1 113 772	1 147 423
Varição de estoques	53 274	33 418	41 560	39 208
Exportação de bens e serviços	501 802	563 474	620 077	636 230
Importação de bens e serviços (-)	535 473	628 916	742 784	791 709

Fonte: IBGE

## Índice de atividade econômica do Banco Central

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br), indicador de periodicidade mensal, disponível a partir de janeiro de 2003, incorpora a trajetória de variáveis consideradas como *proxies* para o desempenho da economia<sup>2</sup>. Seu cálculo incorpora a produção estimada para os três setores da economia – agropecuária, indústria e serviços – acrescida dos impostos sobre produtos, por sua vez estimados a partir da evolução da oferta total (produção mais importações). A aderência do indicador ao PIB ratifica a importância de seu acompanhamento para melhor compreensão da atividade econômica, contribuindo, portanto, para a elaboração da estratégia de política monetária. O IBC-Br recuou 0,2% em 2014 (crescimento de 3,2% em 2013). A análise na margem,

Gráfico 1.1  
Índice de Atividade Econômica do Banco Central  
Dados dessazonalizados



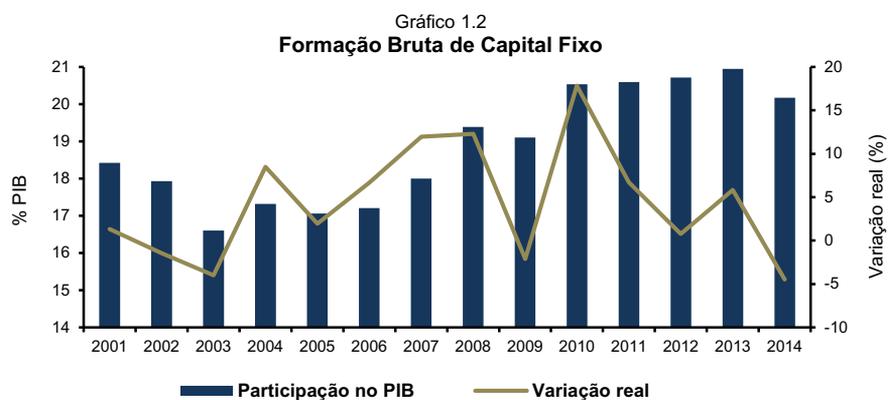
Fonte: Banco Central do Brasil

2/ A respeito da metodologia do IBC-Br, ver o box Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br), divulgado no Relatório de Inflação de março de 2010.

considerados dados dessazonalizados, mostra que o indicador variou 0,4% no primeiro trimestre, -1,3% no segundo, 0,6% no terceiro e -0,4% no quarto trimestre de 2014.

## Investimentos

Os investimentos, excluídas as variações de estoques, recuaram 4,5% em 2014 (5,8% em 2013 e 0,8% em 2012), de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE.



Fonte: IBGE

### Quadro 1.6 – Formação Bruta de Capital (FBC)

Percentual

Ano	Participação na FBC			Variação de estoques	A preços correntes	
	Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)				FBCF/PIB	FBC/PIB
	Construção civil	Máquinas e equipamentos	Outros			
2010	46,9	36,7	10,6	5,8	20,5	21,8
2011	47,6	35,9	10,9	5,6	20,6	21,8
2012	50,5	35,2	11,1	3,2	20,7	21,4
2013	49,3	36,5	10,6	3,6	20,9	21,7
2014	50,8	31,9	13,8	3,5	20,2	20,9

Fonte: IBGE

A absorção de bens de capital recuou 10,1% no ano, evolução decorrente de reduções respectivas de 9,3%, 9,1% e 11,7% na produção, exportação e importação desses bens. A retração da produção evidenciou, em especial, os recuos nas produções de peças agrícolas (19,1%), equipamentos de transporte (16,5%) e de bens de capital para a construção (9,6%).

A produção de insumos típicos da construção civil recuou 5,7% em 2014 (aumento de 1,1% em 2013), reversão consistente com a piora da confiança dos empresários do setor desde meados do ano.

**Quadro 1.7 – Produção de bens de capital selecionados**

Discriminação	Participação percentual <sup>1/</sup>	Variação percentual		
		2012	2013	2014
Bens de capital	100,0	-11,2	12,2	-9,3
Industrial	30,0	-0,7	-2,7	-4,2
Seriados	22,7	-3,9	-0,8	-8,6
Não seriados	7,3	15,8	-8,6	10,8
Agrícolas	7,5	3,5	14,5	-8,1
Peças agrícolas	1,1	-26,4	30,2	-19,1
Construção	4,7	-23,0	21,9	-9,6
Energia elétrica	5,8	-11,8	0,0	2,5
Transportes	40,6	-13,5	15,5	-16,5
Misto	10,4	-11,5	-1,0	-1,4

Fonte: IBGE

1/ Corresponde à participação estimada para 2010.

Os desembolsos do sistema BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – totalizaram R\$187,8 bilhões em 2014. A redução anual de 1,4% refletiu, em grande parte, o impacto dos decréscimos nos desembolsos para a agropecuária (10,1%) e para a indústria de transformação (12,8%), que representaram, na ordem, 8,9% e 25,0% dos desembolsos anuais. As destinações de recursos para a indústria extrativa e para o segmento comércio e serviços variaram -25,4% e 6,4%, respectivamente, e detiveram participações de 1,6% e 64,4% nos desembolsos anuais totais.

**Quadro 1.8 – Desembolsos do Sistema BNDES<sup>1/</sup>**

Em R\$ milhões

Discriminação	2012	2013	2014
Total	155 992	190 419	187 837
Por setor			
Indústria de transformação	45 861	53 960	47 038
Comércio e serviços	96 944	113 741	120 996
Agropecuária	11 362	18 662	16 775
Indústria extrativa	1 825	4 056	3 027

Fonte: BNDES

1/ Compreende o BNDES, a Finame e o BNDESpar.

A Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), utilizada como indexador de financiamentos contratados junto ao sistema BNDES, permaneceu em 5,0% a.a. durante 2013 e 2014.

**Indicadores da produção industrial**

A produção física da indústria recuou 3,1% em 2014, segundo a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE (variações de 2,1% em 2013 e de -2,3%

em 2012). O desempenho do setor no ano repercutiu expansão de 6,2% da indústria extrativa e retração de 4,2% na de transformação. A análise na margem, considerados dados dessazonalizados, mostra que a produção industrial apresentou estabilidade no primeiro e terceiro trimestres e recuos respectivos de 2,1% e 1,3% no segundo e no quarto trimestres do ano.

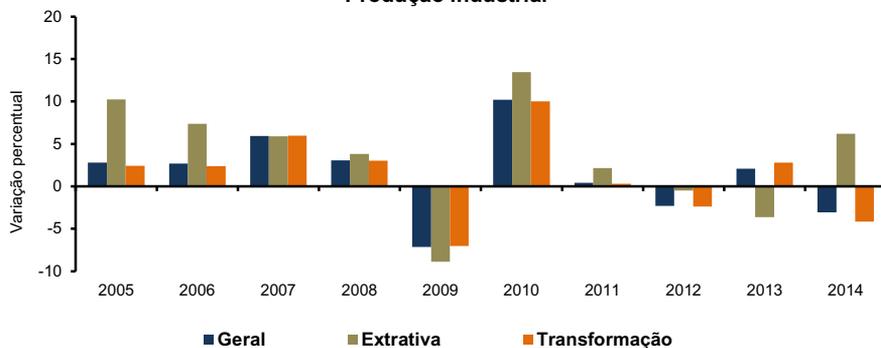
### Quadro 1.9 – Produção industrial

Discriminação	Variação percentual		
	2012	2013	2014
Total	-2,3	2,1	-3,1
Por categorias de uso			
Bens de capital	-11,2	12,2	-9,3
Bens intermediários	-1,6	0,4	-2,5
Bens de consumo	-0,5	2,6	-2,2
Duráveis	-1,4	4,4	-9,1
Semi e não duráveis	-0,2	2,0	0,0

Fonte: IBGE

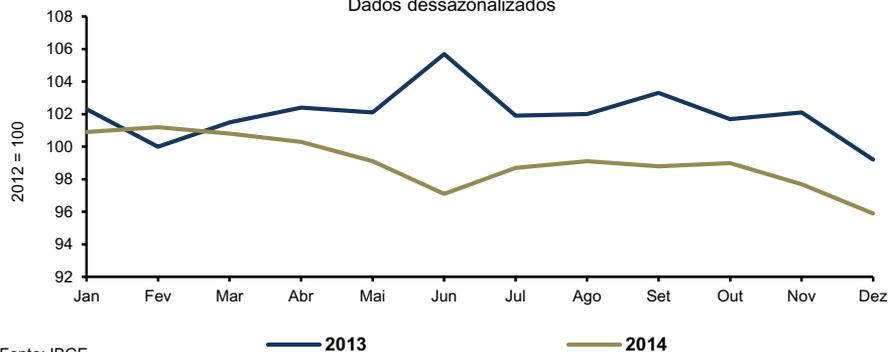
A retração anual na indústria em 2014 decorreu de decréscimos na produção em três das quatro categorias de uso. A produção de bens de capital recuou 9,3% (veículos

Gráfico 1.3  
Produção industrial



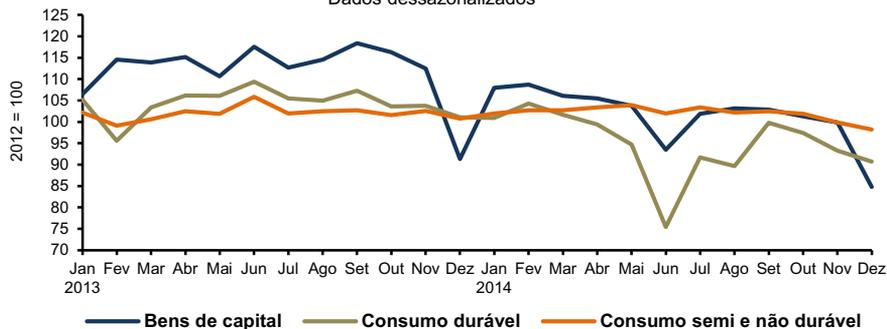
Fonte: IBGE

Gráfico 1.4  
Produção industrial  
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Gráfico 1.5  
**Produção industrial – Por categoria de uso**  
 Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

automotores, -21,0%; máquinas e equipamentos, -7,8%); a de bens intermediários, 2,5% (veículos automotores, -16%; produtos de metal, -12,1%; metalurgia, -7,4%); e a de bens de consumo duráveis, 9,1% (veículos automotores, -14,5%; móveis, -7,3%). A produção de bens de consumo semi e não duráveis apresentou estabilidade (farmoquímicos e farmacêuticos, 7,5%; calçados e couros, -5,4%; têxteis, -3,7%; vestuário e acessórios, -3,0%).

Dentre os 25 segmentos industriais considerados, vinte apresentaram redução da produção no ano, sobressaindo as assinaladas nas atividades veículos automotores, 16,7%; produtos de metal, 10,1%; metalurgia, 7,4%; móveis, 7,4%. Em sentido inverso, destacaram-se os aumentos nos segmentos manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (3,9%), coque, derivados de petróleo e biocombustíveis (2,7%) e farmoquímicos e farmacêuticos (2,5%). A produção de alimentos, atividade de maior peso na indústria, recuou 1,2% em 2014.

A produção industrial decresceu em nove das catorze unidades federativas pesquisadas pelo IBGE, destacando-se os recuos em São Paulo (6,2%), no Paraná (5,3%), no Rio Grande do Sul (4,3%) e no Ceará (2,9%), e as elevações no Pará (8%) e no Espírito Santo (5,6%).

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria atingiu 79,3% em dezembro de 2014, recuando 3,5 p.p. em relação a igual intervalo de 2013, considerados

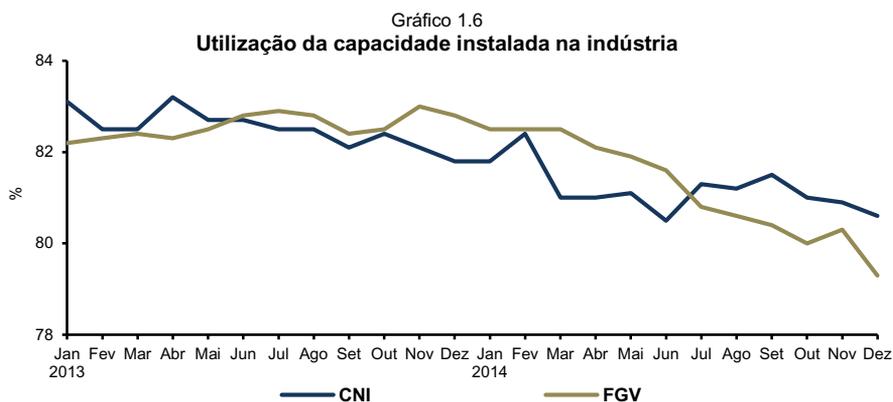
**Quadro 1.10 – Utilização da capacidade instalada na indústria<sup>1/</sup>**

Discriminação	2012	2013	2014
Indústria de transformação	82,3	82,6	81,2
Bens de consumo finais	81,5	83,1	82,4
Bens de capital	82,2	83,5	80,7
Materiais de construção	83,6	84,2	83,2
Bens de consumo intermediários	81,2	81,8	80,0

Fonte: FGV

1/ Média do ano.

dados dessazonalizados. A média anual do indicador situou-se em 81,2% em 2014, patamar 1,4 p.p. inferior à média do ano anterior. O pessoal ocupado assalariado na indústria retraiu 3,2% em 2014, (-1,1% em 2013).



O Índice de Confiança da Indústria (ICI), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), atingiu 86,5 pontos em dezembro de 2014 (99,6 pontos em dezembro de 2013). Ressalte-se que o indicador, após recuar nos oito primeiros meses do ano, situou-se em 85,6 pontos em agosto, menor patamar desde abril de 2009. Os componentes Situação Atual e Expectativas totalizaram, na ordem, 87 pontos e 86,2 pontos ao final do ano (recuos respectivos de 12,8 pontos e 13,2 pontos em relação a dezembro de 2013).

O Índice de Confiança da Construção (ICST), medido pela FGV, decresceu 7,3 pontos em 2014, reflexo de recuos respectivos de 4,7 pontos e 9,8 pontos nos Índices de Situação Atual e de Expectativas. Houve reduções nos seis segmentos do indicador, ressaltando-se as registradas em construção de edifícios e obras de engenharia civil, 8,2 pontos; obras de acabamento, 8,1 pontos; e obras de instalações, 7,9 pontos.

## Serviços

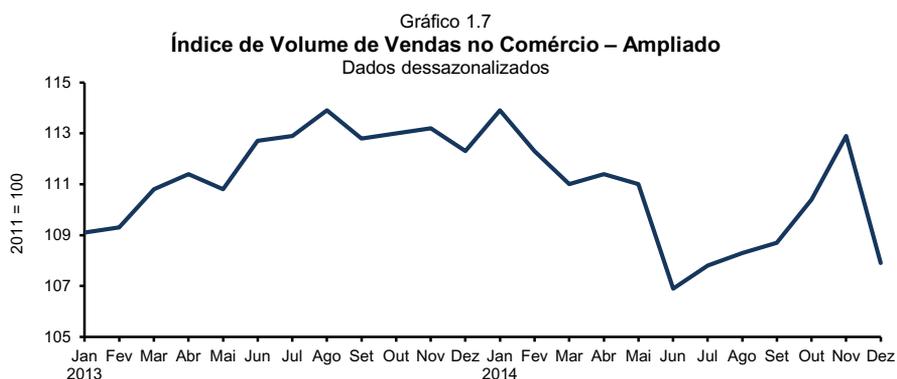
O volume do setor de serviços cresceu 2,5% em 2014 (4,1% em 2013), com ênfase nas expansões nos segmentos serviços de informação e comunicação (4,8%) e transportes, serviços auxiliares ao transporte e correio (3,1%). O pior desempenho em 2014 ocorreu em serviços prestados às famílias (-1,8%).

O Índice de Confiança de Serviços (ICS), da FGV, que reflete a confiança do empresariado do setor, situou-se em 85,2 pontos em dezembro de 2014. O recuo anual de 7,8% – quarta retração em sequência, nessa base de comparação – repercutiu decréscimos de 7,3% no Indicador de Situação Atual (ISA-S) e de 8,0% no Indicador de Expectativas (IE-S). O ICS atingiu patamar abaixo da linha de indiferença de 100 pontos, sinalizando, portanto, expectativas desfavoráveis em relação à confiança das empresas do setor.

O Índice de Gerentes de Compras (PMI-Serviços)<sup>3</sup>, relacionado ao quesito atividade de negócios, atingiu média de 50 pontos em 2014 (51,3 pontos em 2013, e 52,4 em 2012), sugerindo menor dinamismo no setor.

## Indicadores de comércio

Os indicadores da atividade varejista evidenciaram a desaceleração registrada pelo setor em 2014, em ambiente de deterioração da confiança do consumidor; menor dinamismo do mercado de trabalho e moderação no crescimento do crédito. Nesse sentido, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE, as vendas do comércio ampliado recuaram 1,7% em 2014 (aumento de 3,6% em 2013) e as vendas no conceito restrito, que exclui os setores automobilístico e de material de construção, aumentaram 2,2%, patamar superior apenas ao de 2003 quando haviam recuado 3,7%. Ressalte-se que as vendas desaceleraram em relação a 2013 em todos os segmentos considerados na PMC.



Fonte: IBGE

As vendas do comércio ampliado desaceleraram nas cinco regiões do país, destacando-se os recuos no Sudeste (3,2%) e no Centro-Oeste (0,5%). Ainda assim, ocorreram aumentos anuais nas vendas em 19 das 27 unidades da Federação (Roraima, 7,1%; Rondônia, 5,7%; Tocantins, 5,3%; Acre, 4,7%; e Ceará, 4,0%). Os maiores recuos ocorreram em São Paulo (6,2%), Espírito Santo (3,9%) e no Paraná (3,0%).

A receita nominal de vendas do comércio ampliado aumentou 3,9% em 2014, resultado de retração de 1,7% no volume de vendas e de elevação de 5,6% nos preços. Apenas três dos dez segmentos pesquisados apresentaram taxas de crescimento da receita nominal superiores

3/ O indicador, calculado pela Markit e divulgado pelo HSBC Bank Brasil (HSBC), é construído com base em respostas mensais enviadas por executivos de cerca de 400 empresas privadas do setor de serviços, com painel selecionado de forma a replicar a real estrutura do setor, cobrindo as atividades de transporte e comunicação, intermediação financeira, serviços empresariais, serviços pessoais, informática e tecnologia da informação, e hotéis e restaurantes. Valores acima de 50 representam crescimento da atividade.

à inflação anual de 6,41%, mensurada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE: hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (7,0%); livros, jornais, revistas e papelaria, (6,9%); e móveis e eletrodomésticos (6,6%). Os desempenhos mais modestos ocorreram nos segmentos equipamentos e materiais para escritório e comunicação (-2,6%) e veículos, motos, partes e peças (3,2%).

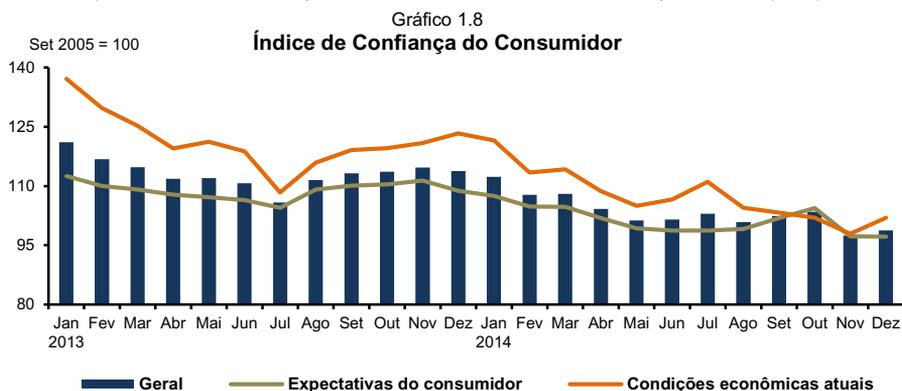
A trajetória das vendas do setor automobilístico em 2014 refletiu o ambiente de redução dos incentivos tributários, desaceleração nas concessões de crédito e elevação nas taxas de juros. Nesse cenário, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), as vendas de automóveis e comerciais leves nas concessionárias recuaram 6,9% em 2014, enquanto as de autoveículos nacionais no mercado interno, divulgadas pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), decresceram 5,9%.

As vendas reais do setor supermercadista, segmento com peso aproximado de 30% na PMC, aumentaram 2,2% em 2014 (5,4% em 2013), de acordo com a Associação Brasileira de Supermercados (Abras).

Os indicadores de inadimplência mantiveram-se estáveis em 2014. A relação entre o número de cheques devolvidos por insuficiência de fundos e o total de cheques compensados atingiu, em média, 6,4% em 2014 (6,3% em 2013) com as maiores taxas ocorrendo no Nordeste (9,8%) e no Norte (8,5%). A inadimplência na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), medida pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP) repetiu, em 2014, a média de 4,6% observada no ano anterior.

Os indicadores de expectativas dos consumidores seguiram em tendência declinante em 2014. Nesse sentido, o Índice Nacional de Confiança (INC), elaborado pela Ipsos Public Affairs para a ACSP, recuou 1,8% em 2014 (-10,2% em 2013). Houve retrações nos indicadores do Norte/Centro-Oeste (4,9%) e do Sudeste (4,7%), e elevações nos relativos ao Sul (3,1%) e ao Nordeste (1,5%).

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da FGV, recuou 8,7% em 2014 (-7,0% em 2013), resultado de reduções de 11,6% no Índice da Situação Atual (ISA) e de 7%



no Índice de Expectativas (IE). O pessimismo foi mais acentuado nos consumidores de renda mais alta e nos quesitos relacionados à situação da economia local.

O Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), recuou 2,2% em 2014 (-1,9% em 2013), com destaque para a intensificação na deterioração da confiança em relação às expectativas de emprego e à inflação.

## Indicadores de produção agropecuária

A safra de cereais, leguminosas e oleaginosas totalizou 194,6 milhões de toneladas em 2014, de acordo com o IBGE. O crescimento anual de 3,4% em relação a 2013 repercutiu variações de 7,3% na área colhida e de -3,7% na produtividade média. As culturas de arroz, milho e soja representaram, em conjunto, 92% da safra de grãos no ano, concentrada nos estados de Mato Grosso (20,4% do total), Paraná (17,3%) e Rio Grande do Sul (14,9%).

A produção de soja atingiu o recorde de 86,8 milhões de toneladas em 2014, elevando-se 6,2% no ano. Registrou-se recuo de 2,3% no rendimento médio, refletindo o impacto da irregularidade pluviométrica no início do plantio em algumas regiões, e crescimento de 8,6% na área plantada.

### Quadro 1.11 – Produção agrícola – Principais culturas

Milhões de toneladas

Produtos	2013	2014
Grãos	188,2	194,6
Algodão herbáceo (caroço)	2,1	2,6
Arroz (em casca)	11,8	12,2
Feijão	2,9	3,3
Milho	80,5	79,9
Soja	81,7	86,8
Trigo	5,7	6,3
Outros	3,5	3,6
Varição da safra de grãos (%)	16,2	3,4
Outras culturas		
Banana	6,9	6,9
Batata-inglesa	3,6	3,7
Cacau (amêndoas)	0,3	0,3
Café (beneficiado)	2,9	2,8
Cana-de-açúcar	739,3	737,2
Fumo (em folhas)	0,9	0,9
Laranja	16,3	16,9
Mandioca	21,2	23,2
Tomate	4,2	4,3

Fonte: IBGE

**Quadro 1.12 – Produção agrícola, área colhida e rendimento médio – Principais culturas**

Variação percentual

Produtos	Produção		Área		Rendimento médio	
	2013	2014	2013	2014	2013	2014
Grãos	16,2	3,4	8,2	7,3	7,4	-3,7
Algodão herbáceo (caroço)	-31,4	24,4	-31,9	20,3	0,8	3,5
Arroz (em casca)	3,2	3,5	-0,9	-0,3	4,2	3,9
Feijão	4,1	12,2	3,8	12,5	0,2	-0,3
Milho	13,0	-0,8	7,7	0,7	4,9	-1,6
Soja	24,3	6,2	11,7	8,6	11,3	-2,3
Trigo	30,5	9,5	16,8	28,3	11,7	-14,6

Fonte: IBGE

A safra de arroz totalizou 12,2 milhões de toneladas de grãos. O crescimento anual de 3,5% decorreu de expansão de 3,9% no rendimento médio e declínio de 0,3% na área plantada. A produção do Rio Grande do Sul, com participação de 67,7% no total, aumentou 1,8% no ano.

A safra de milho somou 79,9 milhões de toneladas, com recuo anual de 0,8% decorrente de variações de -1,6% na produtividade média e de 0,7% na área colhida. A primeira safra atingiu 31 milhões de toneladas e a segunda, 48,9 milhões de toneladas, com variações anuais respectivas de -9,4% e 5,5%.

A produção de feijão atingiu 3,3 milhões de toneladas em 2014, destacando-se que o aumento anual de 12,2% refletiu variações de -0,3% na produtividade média e de 12,5% na área colhida. A primeira safra (42,7% do total) cresceu 28,8%, sustentada pelo desempenho no Paraná e Mato Grosso. A segunda decresceu 6,9% e a terceira, impactada pela incidência de pragas em lavouras de Minas Gerais, principal produtor da cultura, recuou 9,3%, no ano.

A produção de caroço de algodão herbáceo totalizou 2,6 milhões de toneladas, com o aumento anual de 24,4% repercutindo elevações de 20,3% na área colhida e de 3,5% no rendimento médio. Ressalte-se o crescimento de 27,7% na safra de Mato Grosso, maior estado produtor (53,3% do total).

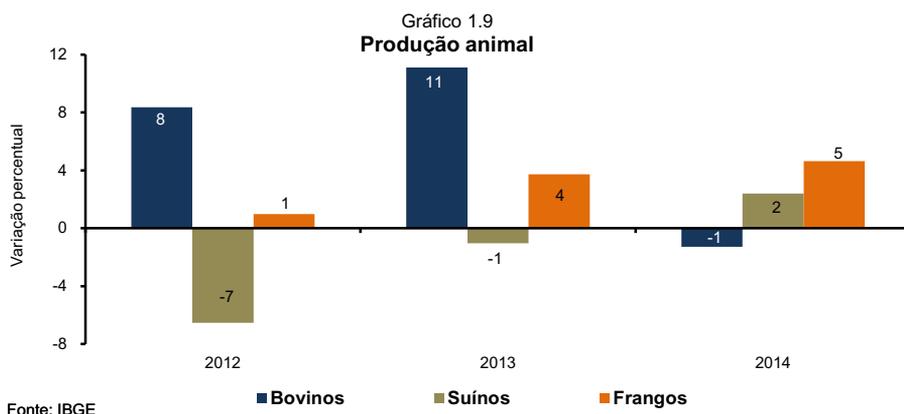
A cultura de trigo atingiu 6,3 milhões de toneladas em 2014. A expansão anual de 9,5% decorreu de variações de 28,3% na área colhida e de -14,6% no rendimento médio. A produção do Paraná representou 60,9% do total colhido em 2014.

A safra de cana-de-açúcar totalizou 737,2 milhões de toneladas, destacando-se que a retração anual de 0,3% foi condicionada, em especial, pelo recuo de 6,0% na produtividade média.

A produção de café atingiu 2,8 milhões de toneladas em 2014. O recuo anual de 4,0%, observado no ciclo bianual de alta produtividade da cultura, evidenciou o impacto de condições climáticas adversas nos dois primeiros meses do ano, na região Sudeste. Nesse cenário ocorreram reduções anuais de 2,0% na área colhida e no rendimento médio.

## Pecuária

De acordo com a pesquisa trimestral de abate de animais, divulgada pelo IBGE, as produções de carnes de aves, bovinas e suínas atingiram 12,5 milhões, 8,1 milhões e 3,2 milhões de toneladas, respectivamente, em 2014, variando, na ordem, 4,6%, -1,3% e 2,4% em relação a 2013. As exportações desses bens variaram 2,7%, 3,7% e -4,8%, no ano.



## Política agrícola

O Plano Agrícola e Pecuário 2014/2015, divulgado, em maio, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), disponibilizou linhas de crédito de R\$180,2 bilhões (elevação anual de 14,7%). Desse total, 156,1 bilhões (86,6%) foram destinados à agricultura comercial e R\$24,1 bilhões à agricultura familiar.

No âmbito da agricultura comercial, foram direcionados R\$112 bilhões para custeio e comercialização, sendo R\$89 bilhões a taxas de juros controlados (6,5% a.a.) e R\$23 bilhões a taxas de juros livres, significando elevações anuais respectivas de 14,8%, 8,3% e 49,4%. As linhas de crédito para investimento somaram R\$44,1 bilhões (aumento anual de 14,8%), dos quais R\$32,2 bilhões sob o amparo do BNDES.

## Produtividade

A produtividade do trabalho industrial, definida como a razão entre o índice de produção física do setor e o indicador do número de horas pagas ao pessoal ocupado assalariado na indústria, ambos divulgados pelo IBGE, cresceu 0,9% em 2014 (3,4% em 2013 e -0,4% em 2012). A evolução anual repercutiu variações de 8,6% na produtividade da indústria extrativa e de -0,2% na da indústria transformação.

A produtividade do trabalho industrial cresceu em sete das dez unidades federativas pesquisadas pelo IBGE, destacando-se os aumentos no Espírito Santo (9,5%), Pernambuco (1,9%) e Minas Gerais (1,2%), e as retrações em São Paulo (1,1%), Santa Catarina (0,8%) e Rio de Janeiro (0,6%).

A produtividade média do setor agrícola – razão entre a produção de grãos, cereais e leguminosas e a área colhida – recuou 3,7% em 2014. A produção, as importações e a demanda total por fertilizantes variaram, na ordem, -5,2%, 11,2% e 4,9% no ano, conforme a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda). As vendas de máquinas agrícolas no mercado interno recuaram 17,3% em 2014, de acordo com a Anfavea, com ênfase nas reduções nas de colheitadeiras (24,5%), tratores de rodas (14,6%) e de cultivadores motorizados (4,0%).

## Energia

A produção de petróleo, incluindo líquidos de gás natural (LGN), aumentou 9,0% no ano (0,1% em 2013), de acordo com a Agência Nacional de Petróleo (ANP). A produção média atingiu 2,345 milhões de barris/dia (mbd), ante 2,152 mbd em 2013, variando de 2,134 mbd, em janeiro, a 2,596 mbd, em dezembro. A produção de gás natural aumentou 13,2% em 2014 (média de 0,549 mbd).

O óleo processado nas refinarias aumentou 2,1% em 2014 (média de 2,072 mbd). As importações de petróleo recuaram 3,0% no ano (média de 0,392 mbd), e as exportações cresceram 35,7% (média de 0,517 mbd).

O consumo de derivados de petróleo aumentou 4,1% no mercado interno em 2014, com elevações na utilização de óleo combustível (24,0%), gasolina (5,1%), óleo diesel (2,7%), gás liquefeito do petróleo (GLP) (1,3%) e de demais derivados (3,3%). O consumo de álcool cresceu 12,4% no ano, reflexo de elevações de 10,6% nas vendas de álcool hidratado e de 14,7% nas de álcool anidro.

O consumo de energia elétrica aumentou 2,6% em 2014, de acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), empresa pública federal vinculada ao Ministério de Minas

### Quadro 1.13 – Consumo aparente de derivados de petróleo e álcool carburante

Média diária (1.000 b/d)			
Discriminação	2012	2013	2014
Petróleo	1 923	1 994	2 077
Óleos combustíveis	68	86	107
Gasolina	546	546	573
Óleo diesel	961	1 008	1 035
Gás liquefeito	222	229	232
Demais derivados	127	126	130
Álcool carburante	306	369	415
Anidro	136	167	191
Hidratado	169	203	224

Fonte: ANP

e Energia (MME). Ocorreram elevações nos segmentos comercial (7,3%), residencial (5,9%), e outros – que inclui iluminação pública, serviços e poderes públicos e o setor rural – (5,3%), e recuo de 2,7% no consumo industrial.

### Quadro 1.14 – Consumo de energia elétrica<sup>1/</sup>

GWh			
Discriminação	2012	2013	2014
Total	448 105	463 142	475 335
Por setores			
Comercial	79 226	83 704	89 840
Residencial	117 646	124 908	132 302
Industrial	183 425	184 685	179 618
Outros	67 808	69 846	73 575

Fonte: EPE

1/ Não inclui autoprodutores.

O consumo de energia elétrica cresceu em todas as cinco regiões geográficas do país: 7,2% no Norte; 5,5% no Sul; 5,0% no Centro-Oeste; 1,3% no Nordeste e 1,2% no Sudeste.

## Indicadores de emprego

O mercado de trabalho mostrou menor dinamismo do em 2014, evidenciado por recuos na população ocupada (PO) e na geração de postos de trabalho formais. A taxa de desemprego manteve, contudo, trajetória declinante. Segundo a Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, que abrange as seis principais regiões metropolitanas brasileiras, a taxa de desemprego atingiu 4,8% em 2014 (5,4% em 2013), resultado de redução de 0,7% na população economicamente ativa (PEA) e de 0,1% na PO. No mesmo sentido, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE indica redução anual de 0,4 p.p., para 6,8%, na taxa de desemprego.

Gráfico 1.10  
Taxa de desemprego aberto



Fonte: IBGE

A economia brasileira gerou 153 mil empregos formais em 2014 (731 mil em 2013), de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A desaceleração na geração de postos de trabalho refletiu, em especial, as reversões observadas na indústria de transformação e na construção civil, segmentos que eliminaram, na ordem, 186,5 mil e 145,3 mil vagas em 2014, ante criação de 83,6 mil e 35,1 mil, respectivamente, em 2013. Apesar da moderação no

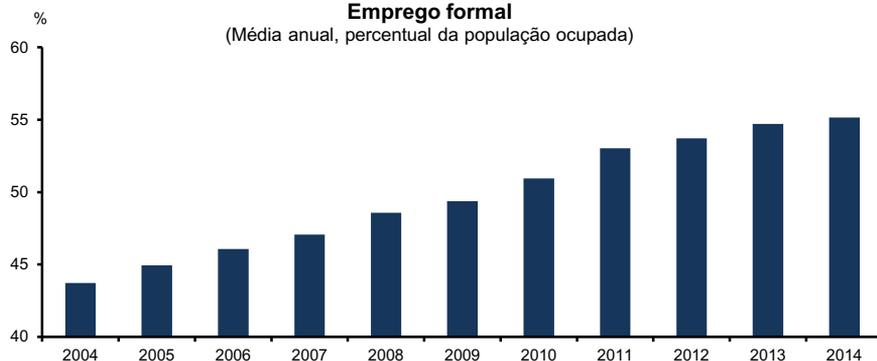
#### Quadro 1.15 – Emprego formal – Admissões líquidas

Em mil

Discriminação	2012	2013	2014
Total	868,2	730,7	152,7
Por setores			
Indústria extrativa mineral	9,7	1,7	-2,8
Indústria de transformação	33,2	83,6	-186,5
Serviços industriais de utilidade pública	8,3	5,4	4,2
Construção civil	70,9	35,1	-145,3
Comércio	270,4	208,0	124,8
Serviços	501,5	408,9	373,1
Administração Pública	-1,2	17,3	6,1
Agropecuária	-24,6	-29,3	-20,9

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)

Gráfico 1.11  
Emprego formal  
(Média anual, percentual da população ocupada)



crescimento de postos formais, houve, segundo a PME, continuidade do processo de formalização do mercado de trabalho, expressa em elevação de 0,4 p.p., para 55,1%, na média anual dos empregados com carteira, em relação ao total da população ocupada.

## Indicadores de salários e rendimentos

O rendimento médio habitual recebido no trabalho principal nas seis regiões metropolitanas da PME aumentou 2,7% em 2014 (1,8% em 2013). Os rendimentos reais dos empregadores, dos autônomos, dos empregados no setor público e dos empregados no setor privado (excluindo domésticos) elevaram-se 7,1%, 3,8%, 3,5% e 1,5%, respectivamente. Por atividade, destacaram-se os aumentos dos rendimentos na construção (6,7%), serviços domésticos (4,5%) e comércio (4,2%). A massa salarial real, produto do pessoal ocupado pelo rendimento médio real, expandiu 2,5% no ano, ante aumento de 2,6% em 2013.

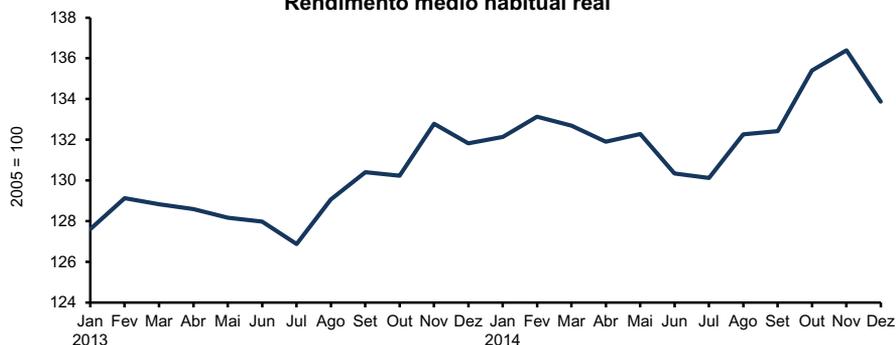
**Quadro 1.16 – Rendimento médio habitual das pessoas ocupadas – 2014**

Variação percentual		
Discriminação	Nominal	Real <sup>1/</sup>
Ocupação total	9,0	2,7
Empregados	8,6	2,3
Setor privado	7,8	1,5
Com carteira	8,0	1,7
Sem carteira	4,3	-1,7
Setor público	9,9	3,5
Conta própria	10,2	3,8
Empregadores	13,8	7,1

Fonte: IBGE

1/ Deflacionado pelo INPC. Abrange as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Gráfico 1.12  
**Rendimento médio habitual real**



Fonte: IBGE

## Indicadores de preços

Os índices de preços ao consumidor aceleraram em 2014, evolução associada, em grande parte, ao impacto dos reajustes nas tarifas de energia elétrica residencial sobre os preços monitorados. Em sentido contrário, os preços livres, repercutindo o arrefecimento dos preços comercializáveis e dos não comercializáveis, desaceleraram no ano. A variação do IPCA, calculado pelo IBGE, atingiu 6,41%, situando-se no intervalo estipulado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) no âmbito do regime de metas para a inflação.

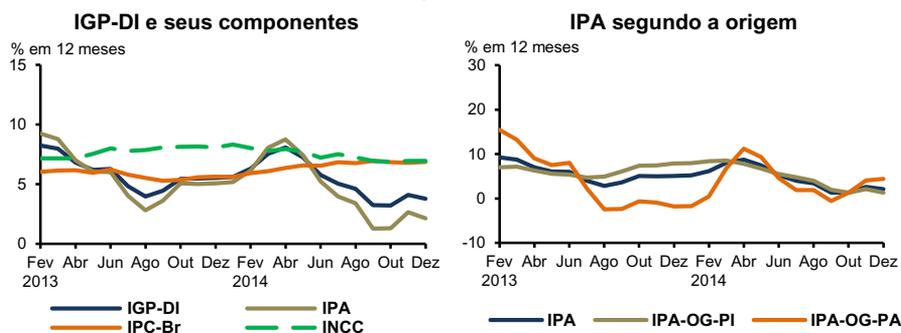
## Índices gerais de preços

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), calculado pela FGV, que agrega o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) e o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), com pesos respectivos de 60%, 30% e 10%, variou 3,78% em 2014 (5,52% em 2013).

O IPA aumentou 2,15% no ano (5,07% em 2013), resultado de variações anuais respectivas de 4,40% e 1,32% nos preços dos produtos agrícolas e dos produtos industriais (-1,76% e 7,87%, na ordem, em 2013). O IPC variou 6,87% e o INCC, 6,95% (5,63% e 8,09%, respectivamente, em 2013).

Gráfico 1.13

### Índices gerais de preços



Fonte: FGV

## Índices de preços ao consumidor

A variação do IPCA, que considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal de um a 40 salários mínimos, atingiu 6,41% em 2014 (5,91% em 2013). Houve

aumentos de 6,72% nos preços livres e de 5,32% nos dos bens e serviços monitorados<sup>4</sup> (7,29% e 1,54%, respectivamente, em 2013), ressaltando-se, no ultimo segmento, o impacto dos aumentos nos itens energia elétrica, tarifas de planos de saúde e produtos farmacêuticos, mitigado parcialmente pelo efeito do menor aumento nos preços da gasolina e na taxa de água e esgoto.

A desaceleração anual nos preços livres evidenciou as reduções nas variações dos preços dos bens não comercializáveis, de 8,43% para 7,43% (frutas, de 18,97% para 6,40%; aluguel residencial, de 12,02% para 9,35%), e dos comercializáveis, de 6,01% para 5,95% (leite e derivados, de 15,96% para 1,08%; panificados, de 13,50% para 5,41%).

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), calculado pelo IBGE, que considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal de um a seis salários mínimos, variou 6,23% em 2014 (5,56% em 2013). O IPC calculado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe)<sup>5</sup> variou 5,20% em 2014 (3,88% em 2013).

#### Quadro 1.17 – Participação de itens no IPCA em 2014

Variação percentual

Itens	IPCA				
	Pesos <sup>1/</sup>	Variação acumulada em 2013	Variação acumulada em 2014	Contribuição acumulada em 2014	Participação no índice <sup>2/</sup>
IPCA	100,00	5,91	6,41	6,41	6,41
Alimentação fora do domicílio	8,64	10,06	9,79	0,85	13,20
Aluguel residencial	4,07	12,02	9,35	0,38	5,93
Empregado doméstico	4,02	11,24	10,53	0,42	6,60
Alimentos <i>in natura</i>	2,15	15,54	5,40	0,12	1,81
Cursos regulares	2,97	8,22	8,87	0,26	4,11
Recreação	3,07	8,07	6,04	0,19	2,90
Cigarro	1,03	17,15	7,20	0,07	1,16
Arroz	0,59	6,59	8,62	0,05	0,79
Mão de obra	1,47	18,97	10,02	0,15	2,30
Panificados	1,98	15,11	5,41	0,11	1,67
TV, som e informática	0,74	15,33	-5,54	-0,04	-0,64
Automóvel usado	1,30	8,57	-2,11	-0,03	-0,43
Automóvel novo	3,16	9,23	4,63	0,15	2,28

Fonte: IBGE

1/ Média de 2014.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.

4/ Entende-se por preços monitorados aqueles que são direta ou indiretamente determinados pelos governos federal, estadual ou municipal. Em alguns casos, os reajustes são estabelecidos por contratos entre produtores/fornecedores e as agências de regulação correspondentes, como nos casos de energia elétrica e de telefonia fixa.

5/ Para famílias com rendimento entre um e vinte salários mínimos na cidade de São Paulo.

### Quadro 1.18 – Participação dos grupos no IPCA em 2014

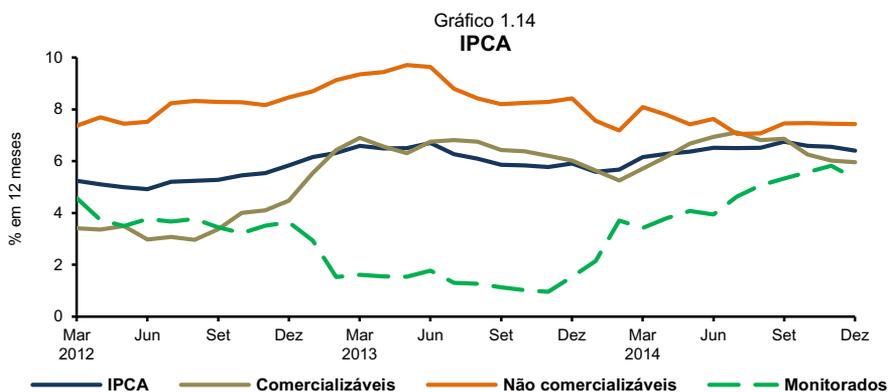
Variação percentual

Grupos	IPCA				
	Pesos <sup>1/</sup>	Variação acumulada em 2013	Variação acumulada em 2014	Contribuição acumulada em 2014	Participação no índice <sup>2/</sup>
IPCA	100,00	5,91	6,41	6,41	100,00
Alimentação e bebidas	24,79	8,48	8,03	1,99	31,07
Habitação	14,52	3,41	8,80	1,28	19,94
Artigos de residência	4,53	7,12	5,50	0,25	3,89
Vestuário	6,52	5,37	3,65	0,24	3,71
Transportes	18,64	3,30	3,76	0,70	10,93
Saúde e cuidados pessoais	11,28	6,95	6,97	0,79	12,27
Despesas pessoais	10,72	8,40	8,31	0,89	13,89
Educação	4,64	7,92	8,45	0,39	6,13
Comunicação	4,36	1,51	-1,51	-0,07	-1,03

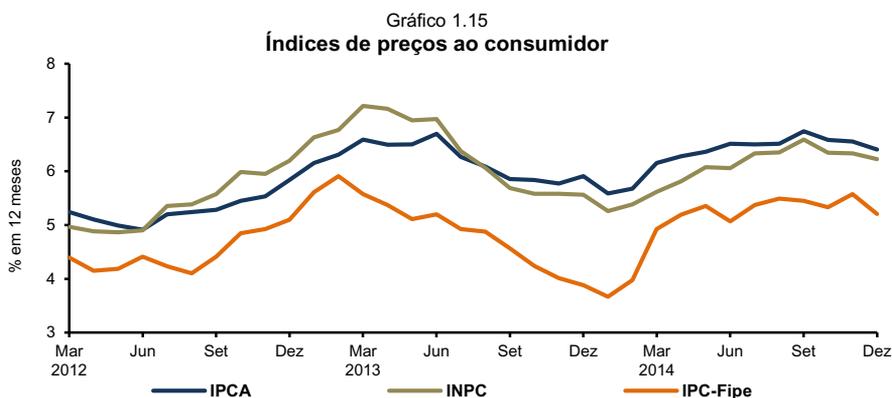
Fonte: IBGE

1/ Média de 2014.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.



Fonte: IBGE



Fonte: IBGE e Fipe

## Preços monitorados

Os preços monitorados aumentaram 5,32% em 2014, respondendo por 1,22 p.p. da variação total do IPCA no ano. As maiores variações ocorreram nos itens energia elétrica residencial, 17,06%; planos de saúde, 9,46%; jogos de azar, 9,05%; gás veicular, 7,24%; óleo diesel, 6,86%; correio, 6,58%; taxi, 6,24%; e tarifa de ônibus intermunicipal, 5,09%.

### Quadro 1.19 – Principais itens do grupo monitorados na composição do IPCA em 2014

Discriminação	Variação percentual			
	Pesos <sup>1/</sup>	Variação acumulada em 2013	Variação acumulada em 2014	Contribuição acumulada em 2014
Índice (A)	100,00	5,91	6,41	6,41
Preços livres	77,18	7,29	6,72	5,19
Preços monitorados	22,87	1,54	5,32	1,22
Itens monitorados – Selecionados				
Plano de Saúde	3,22	8,73	9,46	0,30
Gasolina	3,81	6,51	2,89	0,11
Produtos farmacêuticos	3,38	4,70	4,94	0,17
Taxa de água e esgoto	1,47	5,94	-2,70	-0,04
Gás de botijão	1,10	6,52	4,86	0,05
Energia elétrica residencial	2,76	-15,65	17,06	0,47
Ônibus urbano	2,49	0,04	3,86	0,10

Fonte: IBGE

1/ Média de 2014.

O aumento nos planos de saúde, regulados pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), exerceu impacto de 0,31 p.p. sobre o IPCA no ano, enquanto a elevação de 3,86% nas tarifas de ônibus urbano contribuiu com 0,09 p.p. Os maiores reajustes neste item ocorreram em Campo Grande (10,74%), Rio de Janeiro (9,09%), e Belém (9,09%).

O recuo de 2,70% no item taxa de água e esgoto exerceu impacto de -0,04 p.p. sobre a variação do IPCA de 2014. Destacaram-se a redução de 27,4% na taxa de água e esgoto de São Paulo e os aumentos em Recife (8,66%), Salvador (7,74%) e Fortaleza (7,37%).

A média ponderada dos reajustes das tarifas de energia elétrica, verificados em todas as treze regiões abrangidas pelo IPCA, atingiu 17,06%, contribuindo com 0,50 p.p. para a variação anual do IPCA. As maiores variações ocorreram em Belém (28,76%), Grande Vitória (28,18%), Curitiba (23,83%) e Porto Alegre (18,48%).

Os preços da gasolina aumentaram 2,89% em 2014 (6,51% em 2013), com os reajustes variando de -2,73% em Curitiba a 9,96% em Fortaleza.

## Núcleos

Em relação aos índices de núcleos de inflação do IPCA calculados pelo Banco Central, dois apresentaram aceleração anual em 2014, e três registraram menor variação em relação ao ano anterior.

### Quadro 1.20 – Preços ao consumidor e seus núcleos em 2014

Discriminação	2013	2014		
		1º sem	2º sem	No ano
IPCA (cheio)	5,91	2,18	3,75	6,41
Exclusão	5,79	1,88	3,70	6,45
Exclusão sem alimentos no domicílio e monitorados	7,19	2,34	3,94	6,64
Médias aparadas com suavização	6,05	1,66	3,46	6,25
Médias aparadas sem suavização	5,92	1,82	3,41	5,86
Dupla ponderação	6,44	1,84	3,55	6,40
IPC-Br	5,63	2,51	4,19	6,87
Núcleo IPC-Br	5,06	1,71	3,39	6,18

Fontes: IBGE e FGV

A variação anual do núcleo por médias aparadas com suavização atingiu 6,25% em 2014 (6,05% em 2013); a do núcleo por exclusão, que exclui as variações dos preços de dez itens<sup>6</sup> do subgrupo alimentação no domicílio e dos itens combustíveis domésticos e veículos, situou-se em 6,45% (5,79% em 2013); e a do núcleo que exclui os preços da alimentação no domicílio e os monitorados atingiu 6,64% (7,19% no ano anterior).

Em sentido oposto, o núcleo por médias aparadas sem suavização variou 5,86% no ano (5,92% em 2013), e o núcleo de dupla ponderação<sup>7</sup>, 6,40% (6,44% em 2013).

A variação do núcleo do IPC, calculado pela FGV pelo método de médias aparadas com suavização, passou de 5,06%, em 2013, para 6,18%, em 2014. O índice cheio variou 6,87% no ano.

6/ Os dez itens são: Tubérculos, raízes e legumes; Cereais, leguminosas e oleaginosas; Hortaliças e verduras; Frutas; Carnes; Pescados; Açúcares e derivados; Leites e derivados; Aves e ovos; e Óleos e gorduras.

7/ Este núcleo é calculado reponderando-se os pesos originais – baseados na importância de cada item para a cesta do IPCA – pelos respectivos graus de volatilidade relativa, resultando em menor representatividade para o comportamento dos componentes mais voláteis.